



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

Jader S. Andrade - 21 de maio de 2020.

“Consagrem o quinquagésimo ano e proclamem libertação por toda a terra a todos os seus moradores. Este lhes será um ano de jubileu, quando cada um de vocês voltará para a propriedade da sua família e para o seu próprio clã.” (Levítico 25:10)

Carta ao leitor desconhecido

2070.

Este é ano da graça em que você está. Que você esteja bem! E quem é você que desconheço? Como chegou até mim? Não vou poder ouvi-lo, mas responda-me ainda assim. Pergunto, porque quero contar uma importante história. Antes, apresento-me. Basta meu nome: Jader. É um nome pouco comum, mas foi o que meu pai escolheu. Contava que saiu para fazer meu registro no cartório e como queriam um nome com **J** lembrou-se de uma loja: Casa Jader. Pois é, sou nome de loja. Já adianto que não sou bom comerciante, mas gosto de atender bem. Sou médico, hoje com 59 anos, brasileiro, nascido em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. Depois de mim, mais dois **Jotas**: meu irmão Jeferson e minha quase irmã, por que não ultrapassou os seis meses de gestação. Seria Janaína. Ainda me lembro, com a notícia da gravidez, de ter chegado à janela do apartamento, de ter gritado com alegria:

- Nesta casa vai ter um neném! Nesta casa vai ter um neném!

Espero que você esteja desfrutando de um mundo onde ser humano inclua ter amplas condições de saúde e ambientais, onde estar em segurança seja comum. Espero que suas relações com seus pares



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

sejam naturalmente amorosas e pacíficas. Espero que você esteja em um tempo rico em oportunidades para o seu desenvolvimento como pessoa e que diferenças sociais tenham sido mitigadas para o bem do cidadão. Já devo ter partido há algum tempo, tomara que não há muitos anos. Espero também que os cinquenta anos que nos separam tenham sido palco de boas escolhas para nós humanos e que o mundo em que hoje você habita tenha se tornado uma terra feliz, onde reina a paz, a harmonia, o respeito, com melhores condições para se buscar a felicidade. Desejo que em seu tempo a concórdia seja tão comum que você até desconheça o significado deste termo. Com coração. Vivo em um tempo em que o significado etimológico desta palavra está esquecido por muitos e por isto o peso daquilo que estamos vivendo, que adiante vou relatar, tem me sobrecarregado muitas vezes.

E sobre a expressão ano da graça? Talvez você não entenda esta expressão. Permita-me falar sobre isto. Historicamente, viveu nesta Terra um homem chamado Jesus, que não sei se ainda é conhecido no seu tempo. Sob pena de ser redundante, vou falar um pouco dele, que viveu neste planeta há cerca de 2020 anos. As religiões ocidentais nos ensinaram que ele fora enviado por Deus (ainda convivem com a ideia de Deus?). Ele era um exemplo a ser seguido e pregava valores capazes de transformar beneficentemente as pessoas. Outros exemplos também houveram; era como se de tempos em tempos recebêssemos mensageiros, a nos alertar sobre esta necessidade. Aqui já adianto, logo no início do que está acontecendo ouvi, muitas vezes, que a razão era de que aprendêssemos a ser melhores, a nos amarmos, refinando valores e ampliando nossa capacidade de amar. Por isto uso a figura de Jesus, sendo ele um forte símbolo, por sinal o de maior estatura moral para mim, sem querer desmerecer os outros, por ter sido ele importante formador de meus valores, fazendo parte íntima de minha construção. Espero sinceramente que a memória dele ainda esteja

Rua Pamplona, 1326 – cj. 111 – 3885-0091 – www.ideac.com.br – cadastro@ideac.com.br



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

viva e ativa em seu tempo, meu caro leitor desconhecido. Jesus, quando viveu sobre a face da Terra, pregava para o povo judeu que habitava a região chamada Palestina. No meu tempo, essa é uma região de muitos conflitos religiosos e políticos.

Pois bem, certa feita, num templo, ele declarou aquele ano em que se encontravam como o da graça do Senhor. Consta que naqueles idos era costume, a cada cinquenta anos, a celebração de uma festa, conhecida por jubileu, em que dívidas eram perdoadas, propriedades eram resgatadas e pessoas deixavam de ser escravas (sim, não se assuste, houve um tempo em que seres humanos eram escravizados!). Investido do poder outorgado por Deus, Jesus declarou em sua pregação que naquele momento as pessoas estavam livres e que o Reino de Deus havia chegado. Isto não funcionou muito bem porque, mesmo após dois milênios, os caminhos que nossa raça seguiu não foram aqueles alinhados com ideia do Reino de Deus em si, que ele exortava.

Diversos caminhos e escolhas pessoais, afetando a coletividade, nos conduziram a uma sociedade capacitada para muitas coisas, contudo afastada de valores humanitários plenamente dignos. Não cabe aqui uma história do mundo e qualquer resumo seria muito incompleto para definir quem somos em 2020. Arriscando, talvez, em trazer confusão para você, paro por aqui com História e seus símbolos, mas estou certo de que você irá encontrar fontes onde descobrir o significado mais completo das minhas palavras. Mas o que importa é que você, em relação ao meu ano, está num novo jubileu. Almejo que esteja numa época em que as escolhas e os caminhos tomados por nós tenham sido os melhores; que nós tenhamos garantido ao seu povo uma vida feliz e que possam habitar num mundo mais justo, próspero, onde reina o bem.

Espero que 2070 esteja sendo de fato um ano feliz, porque aqui,



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

cinquenta anos antes, enquanto coletividade, ainda não somos libertos neste sentido da graça. Vou relatar a você o que está acontecendo.

No princípio deste ano iniciou-se uma virose que em pouco tempo se espalhou de uma cidade chinesa por vários países do mundo. O caráter dela, sendo de fácil contaminação e de letalidade considerável entre pessoas mais frágeis, logo passou a ser considerada uma pandemia. Embora nos digam que 80% das pessoas irão contrai-la, na forma leve ou moderada, muitos têm morrido, mundo afora. Para tentar conter a contaminação, os diversos países, a seu tempo, têm indicado ou exigido o isolamento social, colocando os cidadãos em quarentena domiciliar e eventualmente com bloqueio completo da cidade, *lockdown*. Oriente-se o afastamento mínimo de um metro entre as pessoas. Não nos tocamos mais, sem beijos e sem abraços. E olha que aqui no Brasil somos bem afetuosos fisicamente! O olhar e o sorriso têm sido a alternativa ou mesmo alguns arremedos de cumprimento têm acontecido. Sempre fui afetuoso também, gosto de abraçar os que me são caros. Imaginei que fosse ter dificuldades em relação a não ter contato físico, mas tenho conseguido não ficar incomodado com sua falta. Chego até a brincar, quando alguém inadvertidamente se aproxima em minha direção para um simples cumprimento de mão. Exagero na expressão, saltando, afasto-me, rindo. “Não vá me tocar”, digo! Isto relaxa e descontraí meu ambiente de trabalho. Somos um grupo de mais de dez pessoas e nos reunimos periodicamente numa grande sala, onde todos convivem. Cada país está vivendo seus próprios conflitos relacionados a sua capacidade econômica e sanitária, e também àqueles relativos aos interesses políticos e às características culturais de seu povo. Por aqui, muitos passaram semanas em casa.

Na cidade de São Paulo, onde moro, a quarentena continua até o dia

Rua Pamplona, 1326 – cj. 111 – 3885-0091 – www.ideac.com.br – cadastro@ideac.com.br



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

31 de maio. Somente serviços essenciais, como o meu, que sou médico, estão sendo permitidos. O comércio em geral está fechado, exceto por alguns que resistem em desobedecer às recomendações. A população cooperou melhor no início. Os que prestam serviços são orientados a fazê-lo de forma a mais adequada possível e em um ritmo mais lento; a produção industrial está parada em grande parte. A recessão, com prejuízos em diversos setores, parece ser inevitável. Houve corrida aos supermercados por temer desabastecimento de alguns gêneros nos próximos meses. Eu entendo a quarentena como necessária e ela não me forçou a alterar projetos iminentes, tendo servido até como um tempo para absorver alguns aprendizados adquiridos em recente viagem a Índia. Muitos se posicionaram contra ela após algumas semanas, sinal de que a população já está farta, querendo sair, trabalhar, buscar aumentar seus ganhos, com medo do futuro. Mas ela ainda é um método de retardar a infecção entre as pessoas, permitindo que casos mais graves possam ser absorvidos pelo sistema de saúde. Presenciamos um jogo de interesses, por parte do poder executivo que, ao invés de proporcionar um clima estável e tranquilo às pessoas, reforça a partição da sociedade. Isto já vinha acontecendo antes, levando para o confronto diferentes ideologias e posturas. Existe uma profusão de mensagens, boatos, opiniões pessoais, *fake news*, discussões, manifestos e agressões que certamente aumentam a ansiedade provocada pelo momento.

Além disto, instalou-se uma crise política no país com mudanças de ministros e suas consequências. E olha que já vínhamos passando por uma crise econômica. A vacina para esta virose, denominada por Covid-19 (por ser provocada por uma mutação do vírus da família coronavírus, cuja primeira notificação se deu na China no final do ano de 2019) talvez só possa estar disponível entre doze e dezoito meses, conforme anunciam os órgãos sanitários. Hoje ouvi algo mais promissor. Uma terceira notícia de vacina, já em teste em humanos, Rua Pamplona, 1326 – cj. 111 – 3885-0091 – www.ideac.com.br – cadastro@ideac.com.br



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

com possível liberação para o início do ano ... quem sabe? Apesar das informações científicas sobre a capacidade de infectar acredito que não irei contrair a virose. Comecei a usar um remédio homeopático que minha ex-esposa me enviou, com este intuito de proteção. Até hoje tem funcionado, mesmo saindo de casa conforme necessário e de já ter apresentado sinais leves, rapidamente transitórios, de resfriado, mas não tive nada mais sério. Estamos todos cientes de que o vírus estará circulando entre nós por algum período. Por um lado, ele está modificando hábitos, mas por outro talvez fomentando a criatividade. Esta é uma ótima e útil característica de nossa raça.

Agora paro de escrever este relato e me entrego a um devaneio... num lampejo de curiosidade, fecho os olhos e fico imaginando como deverá ser o mundo no seu tempo...

E logo retorno ao texto. Ao registro de minhas observações e reflexões sobre o mundo no meu tempo. Algo bom que está acontecendo é que as pessoas têm se mobilizado em ações caritativas, contribuindo de maneira específica para alguma família, como eu mesmo fiz, ou destinando recurso para as diversas instituições que têm se manifestado necessitadas. Embora não sejamos um país com forte e habitual tradição de benemerência, ela sempre aconteceu em momentos de tragédias. Talvez o que estejamos vivendo modifique nosso comportamento também neste aspecto. A comunicação por mensagens em aplicativos de celulares facilitou o acesso a se saber quem está precisando. O movimento de auxílio também acontece de modo mais sutil. Circulam vídeos de músicos ao redor do mundo, *lives* de cantores famosos, entrevistas de cunho positivo, reportagens sobre aqueles que venceram a doença quando suas chances eram pequenas. Porém também ficamos sabendo que muitos estão em dificuldades. Muitos profissionais de saúde, ao se colocar em risco para cooperar,



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

adoecem. Alguns não sobrevivem.

Vai-se tentando construir uma política pública de ajuda. Os trabalhadores autônomos com baixa renda e os mais carentes e desempregados passaram a receber a módica contribuição governamental de R\$600,00 (seiscentos reais) por mês.

Estou em um grupo de risco para complicações caso seja infectado, por ser hipertenso e já ter 59 anos. Por isto, ainda que desconfortável com a medida tomada pelo gerente de recursos humanos de onde trabalho, fui impedido de prestar os atendimentos que costumo realizar. Fiquei restrito à realização de atividades administrativas e telefonemas para pacientes e familiares para fornecer orientação. Embora não seja uma pessoa medrosa, mesmo fazendo uso das medidas preventivas para o atendimento, como máscara e luvas, sou consciente a respeito do risco potencial para mim. Ainda assim, eu me senti, a princípio, muito incomodado,

pois sempre achei que equipamentos de proteção afastam o profissional de saúde do paciente, determinando uma barreira para o contato, dentro de um contexto de atendimento clínico. Quem sabe seja este um modo de pensar a ser modificado, abrindo espaço para novas formas de desenvolver uma relação médico-paciente?

Eu tenho a confortável ideia de um Deus que nos protege de coisas piores em consonância com nosso merecimento. Sinto-me desta forma amparado, o que me leva a ver um sentido maior neste momento. Creio que muitas pessoas também tenham esta percepção, dada a profusão de mensagens relacionadas a assuntos como esperança, necessidade de mudança interior, maior prática de caridade etc.

Tenho o hábito da meditação e já a pratiquei sob diferentes formas; ao ampliar a minha prática, fortaleceu-se em mim a serenidade. Não



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

é um estado constante, porém, perceber-me fora dela me deixa incomodado, e logo me exercito para retornar a uma condição mais harmônica e agradável. Pratico a meditação pela manhã, mas não acordo cedo, adoro a noite! Funciono melhor! Gosto do som do silêncio.

Moro sozinho e estabeleci uma certa rotina para quando saio. Só uso a porta dos fundos, tiro o calçado ao chegar, entro em casa e já os higienizo com álcool a 70%, bem como os outros apetrechos como bolsa, telefone celular, carteira. Tiro a roupa e já a reservo para a lavagem e me encaminho para o banho. Tudo que compro para alimentação também é higienizado. Se isto é exagero, não sei, mas o seguro morreu de velho! É uma trabalhadeira... muitas vezes ao sair para o serviço, depois que fechei a porta de casa, vejo que esqueci alguma coisa, não me animo ao processo de tirar calçados e higienizar-me outra vez... acabo entrando, porém saltando, apoiando meus pés sobre a parte de trás dos tênis, rapidamente, até chegar onde preciso. É meio cômico pois parece que estou enganando o vírus que me espreita sorratamente por ali, para me pegar. Entro em casa cautelosamente para ele não perceber. É de rir.

Minha relação com a casa está mais descontraída, menos formal, mais livre. Gosto disto. Eu uso a casa como quero e como é mais confortável para mim, tendo menos rigor em alguns hábitos que antes considerava impossíveis de serem quebrados. Por exemplo, deixar a cama sem arrumar, deixar chinelo entre a cozinha e sala. No início estava mais animado com a limpeza e faxina dos ambientes, agora já percebo que vou fazendo certa vista grossa para algumas coisas. Estou mais relaxado. Isto é um aprendizado para mim. Sou filho de uma mãe que lavava a água, como dizia meu pai, brincando com ela.

No serviço doméstico falta-me uma logística para as tarefas,



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

reconheço, mas me viro. Limpar e cozinhar tomam tempo. Eu sempre fui lento para fazer as coisas. Se algo entra como surpresa no dia, tirando-me da programação, tendo a me apavorar. Minha mãe era assim. Olha ela aí outra vez! Sua imagem tem estado tão presente nestes tempos! Tenho pensado muito nela e estou mais devagar para fazer as coisas. Enquanto preparo algo que não tinha costume de comer ou mesmo alguma receita de família, vira e mexe pego-me pensando em minha mãe. Vem um sentimento de compreensão e gratidão pelo que fez por nós. Ela hoje está deitada numa cama, num residencial de idosos, com suas funções cognitivas prejudicadas pela doença de Alzheimer. Meu acesso a ela desde março, por razões justificáveis, está suspenso. Tenho notícias, ela está bem, mas duas pessoas no local já foram infectadas. Incomoda-me saber que, mesmo neste seu avançado estado de dependência, não possa receber meu carinho físico e não apenas as boas vibrações mentais que envio, cheias de reverência e amor.

A quarentena, ao se prolongar, vai alterando mais as rotinas. Tenho feito chamadas de vídeo para conversas com amigos, familiares e para reuniões de estudo. As pessoas têm a necessidade de dar continuidade a suas vidas, ainda que com limitações. Participo de um grupo de estudos sobre envelhecimento; como amigos, nessas reuniões, partilhamos impressões pessoais sobre o momento e depois discutimos um tema programado. As atividades relacionadas ao Centro Espírita que frequento também acontecem no modo à distância. O espiritismo, também de cunho cristão, é uma das religiões de nossa época. A fé religiosa sempre me sustentou, ainda que eu ande me questionando a respeito da função da religião em si. Nestes tempos por certo ela me ampara, deixando-me mais confiante, mas sem perder o senso de realidade e a cautela necessária para a prevenção em relação ao coronavírus.

O tempo sozinho em casa, sem visitar ou receber amigos, é um



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

tempo propício para uma viagem maior, para o interior. Esta viagem já estava em curso após o retorno de cerca de vinte dias em férias na Índia, período que muito me acrescentou e que penso também estar me ajudando a ter uma boa resposta emocional à pandemia. Não me isolei de mim mesmo e auto visitas são constantes. Parece acontecer um processo de reinvenção de estruturas, como se interiormente algo estivesse sendo processado, ressignificando ideias, levando-me a me abrir a outras possibilidades, reativando memórias antigas. Uma amiga contou-me sobre seu processo particular de viagem interior, lembrando, do presente para o passado, todos os dias, as pessoas que passaram por sua vida, observando suas emoções passadas e as atualizando. Para algumas delas precisou limpar sentimentos negativos. Acho que é um bom exercício.

Tenho ouvido cursos disponibilizados gratuitamente pela Casa do Saber, sobre assuntos diferentes do meu dia a dia.

Não consegui ainda inserir uma prática de atividade física como tantos fizeram, e acho que não conseguirei. Estímulos para tal surgem sempre, mas ainda não me animo e não me cobro isto. É bem verdade que nunca fui fã de exercícios, mas ainda que ciente de suas vantagens, não consigo montar uma rotina para praticar. Ah... mas tem o esforço físico na arrumação da casa. Não serve ? Desculpa de preguiçoso, não? Apesar de não gostar de fazer esta faxina semanal, não reclamo e até tenho prazer ao ver tudo limpo, em me perceber capaz de cuidar de mim, tendo a sensação de ter superado algo que temia não conseguir no início. Vem sempre uma gratidão pela minha faxineira, cujo trabalho semanal dispensei neste período, e em especial pela minha mãe, cuja vida foi dedicada à monótona e infundável tarefa de cuidar da família e do lar.

Observo que uma série de estímulos internos, disparados por



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

emoções, leituras, áudios, filmes levam-me a alguns sentimentos. A ideia é ampliar o autoconhecimento para sair da crise enriquecido. Talvez estejam acontecendo decisões, libertações... talvez novas rotas estejam sendo traçadas sob uma compreensão dilatada. Não consigo definir ainda. Procuo me nutrir com bons assuntos e boas palavras. Percebo os sentimentos, tentando harmonizá-los, aceitando meus limites, buscando ultrapassá-los, sem urgência, na vivência do ócio que aceitei e que permite o desejo.

Ah... o desejo. Ou desejos. Por onde andavam? Estavam apagados na vida cotidiana, consumidos pela rotina. Vinha-me a ideia de me casar, compartilhar a vida com alguém. Nunca fui contra esta instituição e a vejo como necessária para mim, em algum momento. Nestes dias ela tem ficado a florada. Talvez o estar sozinho tenha me revelado este desejo e contempla-lo talvez o esteja transformado em meta. Sei de casamentos se desmanchando pela convivência diária, revelando dificuldades que a rotina obscurecia. Meu desejo, assim, me leva por outras estradas e eu estou permitindo. Por poucas vezes senti-me triste ou angustiado, em geral o equilíbrio emocional, em minha privilegiada situação, aconteceu.

Eu, como outros, estou sonhando mais ao dormir. Sei que o sonho tem função de proteção e de guia exercidos pelo inconsciente. Gosto de brincar, fazendo de conta que é possível corporificar o incorpóreo, e imaginar que o inconsciente deve estar feliz com o espaço que vem ocupando na mente das pessoas...

O mundo está para mudar, novos formatos de relacionamentos talvez, novas formas de trabalhar e desfrutar de lazer, novos hábitos no contato entre as pessoas. Os futurólogos preveem tempos diferentes. Temos a chance de fazer com que sejam bons, mas o caminho pode ser árduo para começar. Tudo está no talvez, na dúvida e no suspenso, no hiato, indicando que não sabemos como



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

será o futuro. Só conjecturamos. Tive conhecimento de que a telemedicina, por exemplo, pode ser uma forma de trabalho, computadores dominando o mundo. Inteligência artificial e biotecnologia a dominar um mundo à frente, como nos alerta Yuval Harari, autor de *21 lições para o século 21*, que tenho lido com o grupo que estuda envelhecimento. Talvez para um mundo incerto e novo, como saída vislumbra-se mais fortemente o desejo para o estudo da bioética: profissionais com este tipo de visão provavelmente serão importantes adiante. Participo também de um grupo de colegas de faculdade e algumas posturas de esquerdismo político, por eles expostas, têm feito com que eu reflita sobre o papel da solidariedade como algo a ser praticado hoje e sempre. O que eu posso fazer mais agora e como continuar depois? Este incômodo começa me rondar. Sempre me considerei privilegiado e com possibilidade de fazer mais do que faço. Onde? Como?

A doença acontece lá fora, e para ser útil mantenho-me trabalhando. Ainda não tive contato com pacientes infectados. Alguns colegas de trabalho já tiveram a doença, porém se recuperaram. Somente um deles teve exame confirmatório. Mas tudo é dinâmico nesta crise sanitária. As coisas são rápidas. Saio para atendimentos, sendo que aqueles particulares, em domicílio, antes regulares, não estão mais acontecendo do mesmo modo. Certamente familiares temem que eu leve contaminação a seus lares, o que é compreensível. Isto trouxe-me certo prejuízo financeiro que não considero relevante neste momento, por entender que é esta a consequência material da crise para mim. Estou em situação mais oportuna e dela consciente. Posso aceitar esta dificuldade sem maiores preocupações, olhando para outros ganhos que este período tem me trazido (e quem sabe para a sociedade). Outro dia assisti um vídeo de nosso prefeito dizendo ter comprado mais caixões, carros frigoríficos, outros insumos e também anunciou como seria a organização para possíveis enterros. Senti-me desconfortável com a imagem, talvez

Rua Pamplona, 1326 – cj. 111 – 3885-0091 – www.ideac.com.br – cadastro@ideac.com.br



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

por me ligar empaticamente a pessoas que estão passando por tal situação de perdas, desta forma. Nem ousou reclamar de nada! Um amigo nos Estados Unidos está abismado com o volume de óbitos onde mora. Outro, na Índia, esteve abalado com o comportamento dos muçulmanos locais, que provavelmente por discordarem das ações pregressas do atual Primeiro Ministro, têm se portado como homens-bomba, disseminando a doença naquele país, como me contou.

Vivemos um tempo realmente difícil. Sem graça. Há graça apenas no aprimoramento individual, quando ele é buscado. Quando tudo isto passar, indago-me sobre como será a relação entre as pessoas. Eu, que sempre fui dado a demonstrações físicas de afetos, talvez tenha que modificar hábitos por um tempo. O olhar e o sorriso talvez se tornem a forma corriqueira de publicamente se expressar sentimentos e afetividade; ou quem sabe até mesmo o significativo “*namastê*” passe a ser também nosso cumprimento! (A propósito, caso não saiba do que se trata, explico. *Namastê* é palavra derivada do sânscrito, uma das línguas mortas. Etimologicamente significa “eu me curvo diante de você”, sendo, em sentido profundo, uma demonstração de reverência. É típica saudação do sul da Ásia, usada para se despedir, agradecer, pedir ou mesmo apresentar respeito pelo outro. Ao se cumprimentar, juntam-se as palmas das mãos em forma de oração sobre o centro do peito).

Mas voltando às minhas questões... será que vou querer continuar vivendo numa metrópole com tantas limitações, afastando-me da natureza e seus encantos? Já percebo em mim uma certa liberdade, reconhecendo independência para cuidar das minhas coisas. Adquiri nestes dias uma certa capacidade, ainda que não primorosa, de saber cuidar da casa e de outros afazeres. Num espaço com menos objetos e guardados seria ainda mais fácil. E como seria minha atuação profissional no futuro? Que caminhos a atual crise me



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

estimularia a seguir? Até quando eu gostaria de atuar como médico? Novas possibilidades de funções devem de fato ser estimuladas em mim, reconheço. E já faz tempo percebo um movimento interno, provocado por um indefinido incômodo. Para onde me levará?

Já me alonguei neste relato com tantas letras e interrogações. Escrever para você me ajudou a organizar minhas emoções, reconhecendo-as, dando-lhe nomes como incerteza, raiva, esperança, transformação, dentre outros. Enquanto escrevia validava a experiência pela qual passamos e me reconheço ainda mais grato pela minha condição protegida e confortável, repito, ainda que com o peso de fazer menos do que poderia. Mas é o que me cabe neste momento. É o que posso ser. Sem julgar e sem criticar, porém, incomodado.

E resumindo, este tempo mais sozinho, apenas com contatos profissionais, tem sido um período de formular e tentar responder questões mais profundas. Ainda que mantenha contato virtual com amigos e grupos de estudo, o tempo mais solitário permitiu-me fazer algumas conexões interiores que eu preciso refletir e entender. Vem ficando mais clara, ao longo dos dias, a minha posição no mundo como alguém mais solidário com causas sociais, porém ainda não me sinto estimulado a pôr a mão na massa, a ponto de liderar, ser formador de ideias, defender ideais. Isto talvez esteja alinhado ao meu propósito na vida, que ainda está para ser descoberto, direcionado e completado em ações no futuro. Cresce em mim a admiração pelos que conseguem e se dedicam a fazer isto. Pessoas que apenas dizem sim ao outro que necessita. Uma pessoa que trabalhou comigo por anos, como auxiliar da casa, esteve em campanha de arrecadação de fraldas geriátricas para moradores carentes na cidade onde mora e já planeja uma campanha para comprar brinquedos para crianças que ficaram em casa em função da quarentena. A admiração por este tipo de trabalho talvez seja o



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

sentimento que me leve no futuro a concretizar esta idéia. Na medida em que vou conhecendo mais sobre a movimentação política atual, atizado por falas e leituras sugeridas por colegas, venho percebendo que não adianta eu não prestar atenção em política, atitude que vinha tendo. Ser político é participar, se posicionar. Nem sempre é se tornar partidário, militante, mas sobretudo entender e formar uma opinião, mudando de um modo de pensar passivo, apenas recebendo informações, para um outro mais ativo e compreensivo da história. Isto se vislumbra pra mim como uma mudança necessária, enquanto cidadão. É preciso ampliar o espaço da ação. Encerro aqui este breve relato dos tempos vividos desde o mês de março até hoje, caro leitor. Porém a história vai continuar trazendo fatos, surpresas, decepções, emoções. Outro dia o Ministro da Saúde se demitiu. Mal durou um mês no cargo, substituindo o outro, médico como ele, que foi demitido. Parece que ambos não estavam alinhados com os desejos presidenciais.

Estou hoje em meio a dias de feriado para tentar conter a disseminação do vírus, aumentando a taxa de isolamento social tão necessária... talvez eu faça uma nova carta para você, dependendo de novos fatos, de novas impressões. Aguarde os próximos capítulos. E lembrando, é possível que você, caro leitor desconhecido, tope com outras cartas de outros contemporâneos meus. Cada qual terá sua visão, você vai perceber, pois cada um está sendo afetado de um modo diferente. Você vai poder formar sua opinião e quem sabe falar de nós, se for interessante. Talvez seja necessário, talvez não. Espero que tenhamos conseguido, através de mudanças provocadas em nós pela pandemia, tornar você herdeiro de um mundo um pouco melhor. E aquele que se torna melhor, lembre-se sempre, melhora os que estão em seu entorno e isto contagia: como o vírus! O que fizermos hoje de bom, estou certo, terá consequências e vai impactar na sua realidade, no seu ano da graça de 2070.